

PEQUENAS HISTÓRIAS

Alice Virginia Mendes Vilela

Ariele Margarida Batista

Bruna Assis de Figueredo

Dilma Elen Ferreira Silva

Estefany Costa da Silva

Helen de Fátima Ribeiro

Jéssica Xavier Gomes

Laila Maria Alves Costa

Luara Cristina dos Santos

Maria Margarida Pedroso

Marina Paula C Alves

Paola Helenice Evaristo

Regiane A de Oliveira

Regina Nazario Gomes

Sarah Silva Carvalho

Taynara Ketlin de Souza



Reitor

Prof. Me. Lácio César Gomes da Silva.

Vice-Reitor

Prof. Me. Marcelo Junqueira Pereira

Pró-Reitoria de Assuntos Administrativos

Profa. Viviane Barbosa

Diretor Geral

Prof. Leandro Rodrigues de Souza

Diretor Executivo

Prof. Túlio Marcos Romano

Coordenação do Curso de Pedagogia

Profa. Ma. Rosana Maria dos Anjos Rito

Profa. Dra. Maria Carolina Silva Castro Oliveira

UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE

Três Corações – Av. Castelo Branco, 82 - Chácara das Rosas - CEP 37417-150 - (35) 3239-1000

Belo Horizonte – Av. Amazonas, 3.200 - Prado - CEP 30411-186 - (31) 3064-6333

Betim – Rua Santa Cruz, 750 - Centro - CEP 32600-028 - (31) 3514-2500

Caxambu – Rua Dr. Viotti, 134 - Centro - CEP 37440-000 - (35) 3341-3288

PEQUENAS HISTÓRIAS

Alice Virginia Mendes Vilela

Ariele Margarida Batista

Bruna Assis de Figueredo

Dilma Elen Ferreira Silva

Estefany Costa da Silva

Helen de Fátima Ribeiro

Jéssica Xavier Gomes

Laila Maria Alves Costa

Luara Cristina dos Santos

Maria Margarida Pedroso

Marina Paula C Alves

Paola Helenice Evaristo

Regiane A de Oliveira

Regina Nazario Gomes

Sarah Silva Carvalho

Taynara Ketlin de Souza

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora. O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens e/ou textos de outro(s) autor(es), é de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).

Autoria

Alice Virginia Mendes Vilela
Ariele Margarida Batista
Bruna Assis de Figueredo
Dilma Elen Ferreira Silva
Estefany Costa da Silva
Helen de Fátima Ribeiro
Jéssica Xavier Gomes
Laila Maria Alves Costa
Luara Cristina dos Santos
Maria Margarida Pedroso
Marina Paula Cristiano Alves
Paola Helenice Evaristo
Regiane Aparecida de Oliveira
Regina Nazario Gomes
Sarah Silva Carvalho
Taynara Ketlin de Souza

Coordenação

Luiza Sarrapio

Projeto Gráfico | Editoração | Capa

Lume Artes Gráficas

Ilustrações

Bruno Barcellos Sampaio

Sumário

Voz limpa e clara – Alice Virginia Mendes Vilela	6
Memórias de menina – Ariele Margarida Batista	8
Estrela – Bruna Assis de Figueredo	10
Uma emoção aos 7 anos – Dilma Elen Ferreira Silva	12
Corredor sombrio – Estefany Costa da Silva	14
A casa da árvore – Helen de Fátima Ribeiro	16
Creature School – Jéssica Xavier Gomes	18
Viagens Inesquecíveis – Laila Maria Alves Costa	20
Uma menina curiosa – Luara Cristina dos Santos	22
A menina que corria no vento – Maria Margarida Pedroso	24
O cabelo de Catarina – Marina Paula Cristiano Alves	26
A vacina – Paola Helenice Evaristo	28
Mordida de cachorro – Regiane Aparecida de Oliveira	30
Ilusões de Infância – Regina Nazario Gomes	32
As aventuras da princesa Sarah – Sarah Silva Carvalho	34
Primeira vez na praia – Taynara Ketlin de Souza	36

Voz limpa e clara

Alice Mendes

São Paulo, capital da velocidade e do consumo. Alice era uma menina de 4 anos e, apesar de viver na maior cidade da América Latina, seu mundo se resumia à sua família e aos hábitos que ela cultivava.

Sua mãe, Dona Ana, sempre cuidou muito bem de sua casa e Alice não deixava de reparar nesse zelo. Eram roupas sempre lavadas, casa sempre arrumada e banheiro nos trinques. Mas, assim como toda casa, apesar do cuidado, as coisas se quebram e foi o que aconteceu com a TV.

O pai de Alice era um roteirista assíduo e providenciou de imediato um novo aparelho. Era fim de ano e as promoções eram recorrentes em São Paulo. A televisão veio junto com um rádio de pilhas.

Dona Ana não pensou duas vezes em dar o rádio de presente a Alice, pois ela havia se comportado muito bem nos últimos dias, mas dona Ana não imaginava o que se sucederia.

A pequena menina depois de ouvir alguns sons, analisou bem o seu radinho. O virou de um lado, virou de outro e imaginou por quanto tempo ele estava guardado, pois estava uma “imundície”, como ela dizia. Então, surgiu-lhe uma súbita ideia:

– Vou limpá-lo – disse Alice, entusiasmada.

Sua mãe estava a lavar a louça quando a infante entrou empolgada na cozinha dizendo:

– Mamãe, mamãe! Olha como ficou limpinho e cheiroso!

Dona Ana nem sabia o que dizer. Alice havia ensaboado todo o rádio e enxaguado na pia do banheiro. “Era uma vez” pensou sua mãe.

Mas a surpresa maior veio depois, o rádio ligara e continuara funcionando. Assim como disse a pequena: “Agora ele está limpinho em folha”.



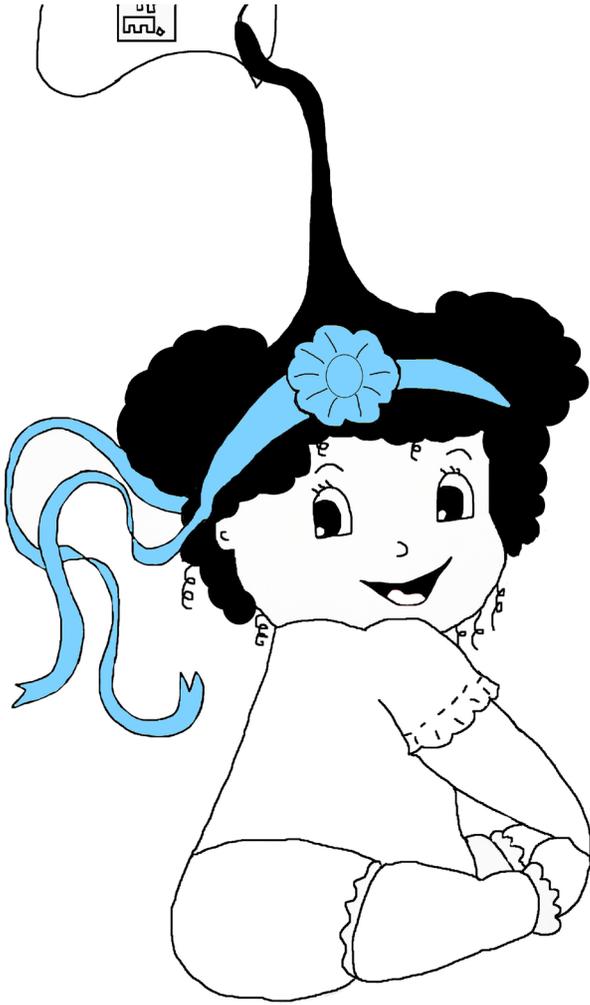
Memórias de menina

Ariele Margarida Batista

Lembro-me como se fosse ontem, era uma tarde quente de verão, estávamos sentados na biblioteca e a professora pediu para que cada criança escolhesse um livro. Dei um pulo da cadeira, e logo comecei a procurar pelo livro que chamasse mais atenção. O horário de ir embora já se aproximava e a professora pediu para guardar o material.

Cheguei em casa toda contente e pedi para minha tia ler a história. O livro era bem colorido, trazia o título “Menina bonita do laço de fita”, e contava a história da protagonista – uma linda menininha negra, com cabelo trançado e finalizado com fitinhas – e de um coelhinho que nutre verdadeira paixão por ela e por sua cor pretinha. Impossível não se apaixonar pela personagem principal, que contava os motivos de ser tão pretinha.

A partir daquele dia, na minha inocência de criança, eu comecei a investigar os motivos de eu ser tão pretinha. Todos riam de mim, mas minha mãe conseguiu me convencer dizendo que quando estava grávida tomou muito café, e eu teria herdado a cor... foi tudo muito lindo, mas, conforme fui crescendo, minha história perdeu seu sentido, pois me falaram que tudo não passava de uma historinha.



Estrela

Bruna Assis de Figueiredo

Era uma manhã de domingo. O ano era 2000. A família estava toda reunida. Era o casamento dos tios Ana e Paulo, que já moravam juntos há muito tempo. Já tinham até filhos.

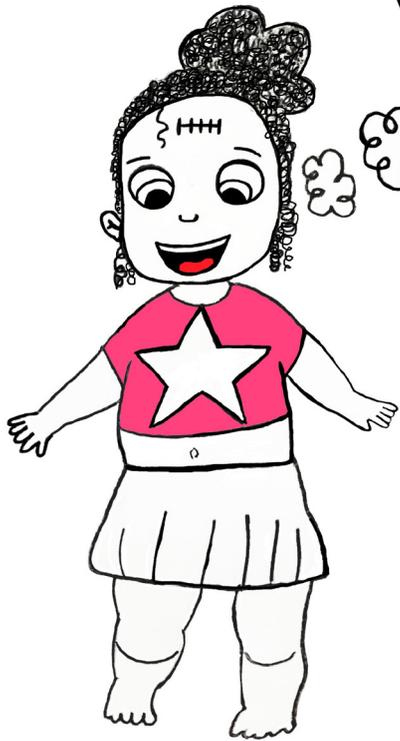
Tinha também uma menina chamada Preta. De saia azul e blusa rosa com uma estrela azul. O cabelo dela era todo espetado. Ela corria para todo lado. Era negra, meio barrigudinha, perninhas tortas e uma animação de criança de quatro anos que não precisa se preocupar com o jantar.

A festa continuava. Os responsáveis por Preta, acredito eu, se esqueceram um pouco da existência dela. A mãe Estela, vale ressaltar, estava grávida. O pai não sabia onde Preta estava, talvez ele estivesse buscando lenha. A festa acontecia na roça.

Dado 12h30min. A menina Preta, correndo descalça, caiu e bateu a testa no passeio, bem naquela curvinha, bem na parte mais doída. Não chorou. Tia Márcia pegou imediatamente a menina e a levou ao hospital sem avisar aos responsáveis por ela para evitar um tumulto.

Esse domingo, para a menina e para sua família, foi bem legal: um casamento e alguns pontos na testa.

Se ficaram marcas? Não! Mas Preta continua com a saia azul, a blusa rosa com uma estrela, com um cabelo todo espetado, correndo para todo lado, negra, bem barrigudinha, com pernas tortas, sem muita animação e se preocupando com a janta.



Uma emoção aos 7 anos

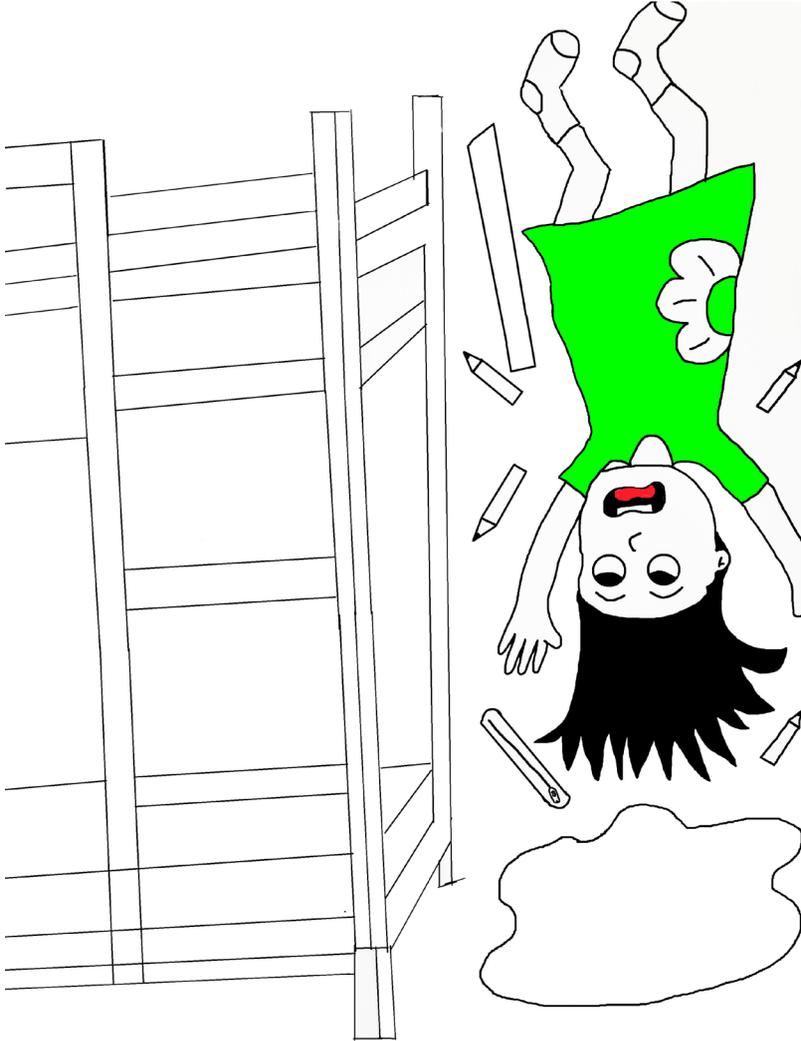
Dilma Elen Ferreira Silva

Toda manhã, Caridade saía para a escola. Ia e voltava sozinha, pois morava bem perto. Certo dia, chegou em sua casa e foi logo almoçar com seu pai e seu irmão, sua mãe no trabalho.

Depois do almoço, Caridade foi para o quarto, pois tinha dever para fazer. Seu pai estava na cozinha e a moça que ficava com ela e seu irmão acabava de chegar. Enquanto a moça cuidava do menorzinho, ela estava na cama fazendo seu dever. Mas uma pessoa muito curiosa resolveu ir atrapalhar a menina, que estava concentrada.

Assim, a menina teve a ideia de subir na beliche, sua cama era a de cima. Então, ela subiu e , quando percebeu, havia esquecido de pegar sua bolsinha de lápis. Quando ela foi descer para pega-lá, o braço de madeira se soltou e cairam os dois. A moça que estava na casa para olhar Caridade e seu irmão, ao ouvir o barulho, se assustou e chamou o pai da menina, que estava na cozinha. Rapidamente, ele chegou e pegou-a, pois estava machucada com o rosto coberto de sangue. Colocou-a no carro e foi para o hospital. No cominho, a moça ligou para a mãe que estava no trabalho. Logo após a chegada ao hospital, sua mãe também havia chegado. Ela era técnica em enfermagem e ajudou a médica a dar os pontos em Caridade.

Depois de alguns anos, ela só tem uma leve cicatriz na testa.



Corredor sombrio

Estefany Costa da Silva Oliveira

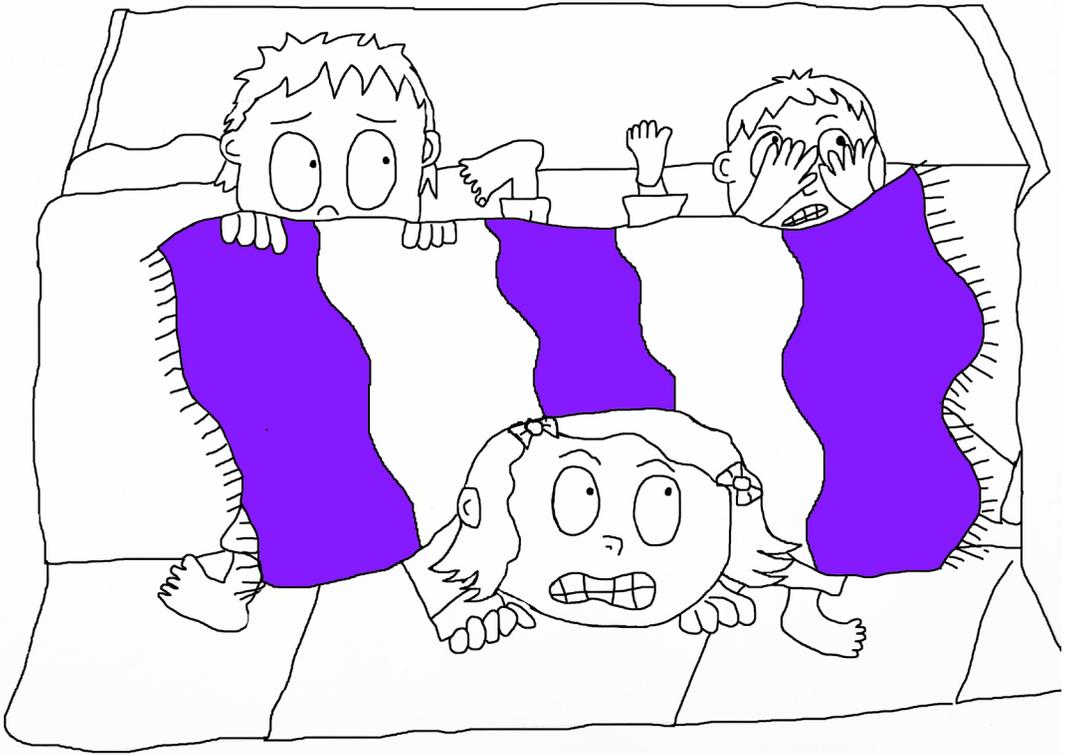
Quando eu tinha por volta dos meus nove anos, adorava ir com minha mãe, tio e primos para o nosso sítio. Lembro-me que íamos em uma Brasília azul e, o que era mais engraçado, é que iam por volta de doze pessoas no carro. Essa rotina se repetia todos os fins de semana, porém, houve um final de semana que me marcou muito.

Era época de frio, e estávamos a caminho do sítio, e a trilha que usávamos para chegar tinha fama de mal-assombrada, parecia um corredor sombrio e extenso. Logo na subida, pelo fato de o carro estar pesado, houve uma pequena pane no motor, mas conseguimos terminar a subida.

Chegando na entrada do corredor, meu tio nos disse que o carro havia fervido o motor. Houve outra pane, mas dessa vez fomos nós, as crianças, porque tínhamos muito medo daquele corredor, e meu tio teve que sair de pé para buscar ajuda.

Lembro-me que me envolvi nos cobertores com meus primos até a ajuda chegar, e somente se ouvia o barulho dos animais no mato e nossa respiração no interior do carro.

Passadas poucas horas, meu tio retornou de trator para nos buscar. E eu sentia muita alegria e alívio de sair daquele corredor sombrio.



A casa da árvore

Helen de Fátima Ribeiro

Num belo sábado de sol, estávamos em casa somente eu e minha mãe; ela, como em todos os sábados, fazia aquela dura faxina na casa e lavava as roupas. Tadinha, vida de dona de casa não é fácil.

Eu tinha somente meus sete anos de idade e já gostava de uma bagunça, brincar com terra, balanço, pedrinhas, bolinha de gude etc. Neste dia, resolvi brincar de casinha na árvore, peguei uma pedra São Thomé daquelas com uma ponta enorme e subi na jabuticabeira que tem no quintal da minha casa.

Muito inteligente e criativa, para não falar ao contrário, coloquei a pedra pendurada em um galho, imaginando ser um travesseiro, quando minha mãe avistou o que eu estava aprontando, ela gritou imediatamente: “Sai daí com isso, menina, sai daí.” Então, como era muito teimosa, desci da árvore, mas deixei a pedra lá, como o meu travesseiro. De repente, aconteceu o que já era de se esperar: quando cheguei ao chão, a pedra caiu na minha cabeça, desmaiei e minha mãe teve de sair correndo comigo para o hospital.

Enfim, depois de deixar minha mãe desesperada, levei um sermão daqueles e continuei aprontando as minhas bagunças.



Creature School

Jéssica Xavier Gomes

Tudo começou por volta do século XVII, quando as criaturas eram perseguidas e assassinadas pela espécie humana. Não havia um dia sequer em que bruxas não fossem queimadas cruelmente, os vampiros empalados por estacas de madeira de freixo e os demônios exorcizados pela igreja. Essas criaturas, sentindo a necessidade de se juntarem para não serem extintas da face da terra, criaram a Creature School, um local onde bruxas, vampiros e demônios aprendiam sobre magia, espiritualidade e também como se defender dos humanos. Séculos se passaram e a união das criaturas permaneceu perfeitamente harmonizada.

O primeiro dia de novembro foi um dia comum para as criaturas daquela escola, menos para Mathew, um vampiro de um metro e setenta de altura, branco como o luar. Matriculado no sexto ano, prestes a concluir seus estudos, Mathew guardava um segredo sobre a noite anterior que poderia mudar eternamente sua vida. E ele compartilhava seu segredo com suas amigas inseparáveis Lilith, uma demônia de pequena estatura e ar sereno, e Ravenna, uma bruxa poderosa demais para sua pouca idade.

Na noite de Halloween, após o tradicional baile de horror da Creature School, os três amigos resolveram descobrir como era o Halloween humano. Enquanto caminhavam e pediam doces ou travessuras, Mathew desviou sua atenção para uma garota fantasiada de vampira.

Antes que as amigas pudessem impedi-lo, Mathew aproximou-se da garota humana e lhe perguntou seu nome. A garota, que se chamava Anne, lhe respondeu e demonstrou um grande interesse em continuar a conversa.

No decorrer da noite, entre conversas e gargalhadas, Anne aproximou-se de Mathew e o beijou. O vampiro, que nunca havia sido tocado por uma humana, retribuiu o beijo sedentamente. Aquele beijo jamais seria esquecido.

Ao sentir a pulsação do sangue de Anne em seus lábios, Mathew não resistiu e acabou por mordê-la, sugando todo seu sangue até o último e desesperador suspiro. Enquanto ela o olhava com paixão, Mathew lutava contra sua própria natureza. Porém já era tarde demais: Anne jazia em seus braços, fria e sem vida. Lilith e Ravenna tentaram consolá-lo, mas ele havia acabado de assassinar o amor de sua eterna vida.



Viagens Inesquecíveis

Laila Maria Alves Costa

Era uma vez uma menina que se chamava Lorelay. Era uma criança sonhadora e criativa, que adorava reunir as colegas em frente à sua casa, onde ficavam por horas fazendo cópias a mão de desenho, e os colorindo.

Sua maior paixão eram as viagens que ela fazia com seu irmão e sua mãe, para cidades distintas, em dias festivos. Enquanto sua família trabalhava em barracas, vendendo deliciosos comes e bebes, ela gostava mesmo era de passear pela cidade, visitando as barracas. Quando algo lhe interessava, recorria à sua mãe, que sempre a agradava.

Embora ela fizesse várias viagens, para diversos lugares, o lugar que mais chamava sua atenção era uma cidade linda chamada Itasí, que possuía uma lagoa de águas cristalinas de um azul cor do céu, onde era possível andar de barca, fazer passeios de jetsky e ainda admirar os cenários lindos da cidade. Era uma tradição visitá-la todos os anos com sua mãe e seu irmão.

Hoje, essa garotinha já se tornou uma mulher, e seus passeios com os familiares ficam sempre na memória, como uma boa lembrança de lugares incríveis e inesquecíveis.



Uma menina curiosa que encontrou uma caixa de fotos

Luara Cristina dos Santos

Era uma vez uma menina chamada Cristina, que vivia em uma cidade tranquila, com seus pais e suas irmãs mais velhas. Certo dia, seus pais marcaram uma viagem para a casa de sua avó, que estava muito doente e precisando da companhia de seus filhos e netas.

Então, enquanto arrumava suas malas, ela encontrou uma caixa de fotos onde havia uma foto dela com um cavalo. A menina queria saber o que tinha acontecido com o cavalo e, muito curiosa, resolveu perguntar a sua mãe.

Sua mãe contou que, quando tinha sete anos, Cristina vivia com sua avó e lá vivia esse cavalo, que era seu melhor amigo. Ficavam juntos dia e noite, mas infelizmente seu melhor amigo ficou doente e Cristina voltou para casa de seus pais.

Recentemente, sua avó lhe escrevera uma carta dizendo que o cavalo tinha falecido, mas que ela já tinha comprado um novo cavalo para a garotinha e queria que todos estivessem em sua casa para poder entregá-lo e estar junto com sua família no momento de sua doença.

Esses são os motivos da viagem para a casa de sua avó querida e amada, disse a mãe da menina. Cristina foi correndo terminar de arrumar sua mala para visitar sua avó. A família não sabia que teria uma surpresa com essa visita.

Após horas de viagem, a família chega à casa da vovó. Depois de algumas semanas, a querida avó vai ao médico e descobre que melhorou muito de sua doença. O médico diz que o motivo da melhora é a presença de sua família. Então, eles resolveram morar todos juntos para poder ajudar na doença de sua avó para que ela não ficasse mais doente. E, a partir dessa viagem, eles viveram felizes.



A menina que corria no vento

Maria Margarida Pedroso

Era uma vez, em uma cidadezinha do interior de São Paulo chamada Areias, uma fazenda de nome Fazenda de Santo Antônio.

Nenhuma família da pequena e pacata cidade queria morar na fazenda, pois ela era muito antiga e diziam que era mal assombrada, tinha um casarão enorme com 16 quartos e vários salões, tudo em ruínas.

Minha família não sabia dessa história quando fomos morar lá.

Meu pai era pedreiro e foi contratado para reformar o casarão. Sinceramente, eu nunca tive medo e me divertia muito com as crianças da escola. No entanto, elas tinham medo de mim, era aí que eu adorava contar sobre os barulhos de corrente que ouvíamos à noite no casarão.

E, para assustá-las ainda mais, eu dizia que gostava de correr com o Saci em dias de vento forte, e na verdade eu realmente adorava correr no vento e me imaginava voando como folhas de uma árvore.



O cabelo de Catarina

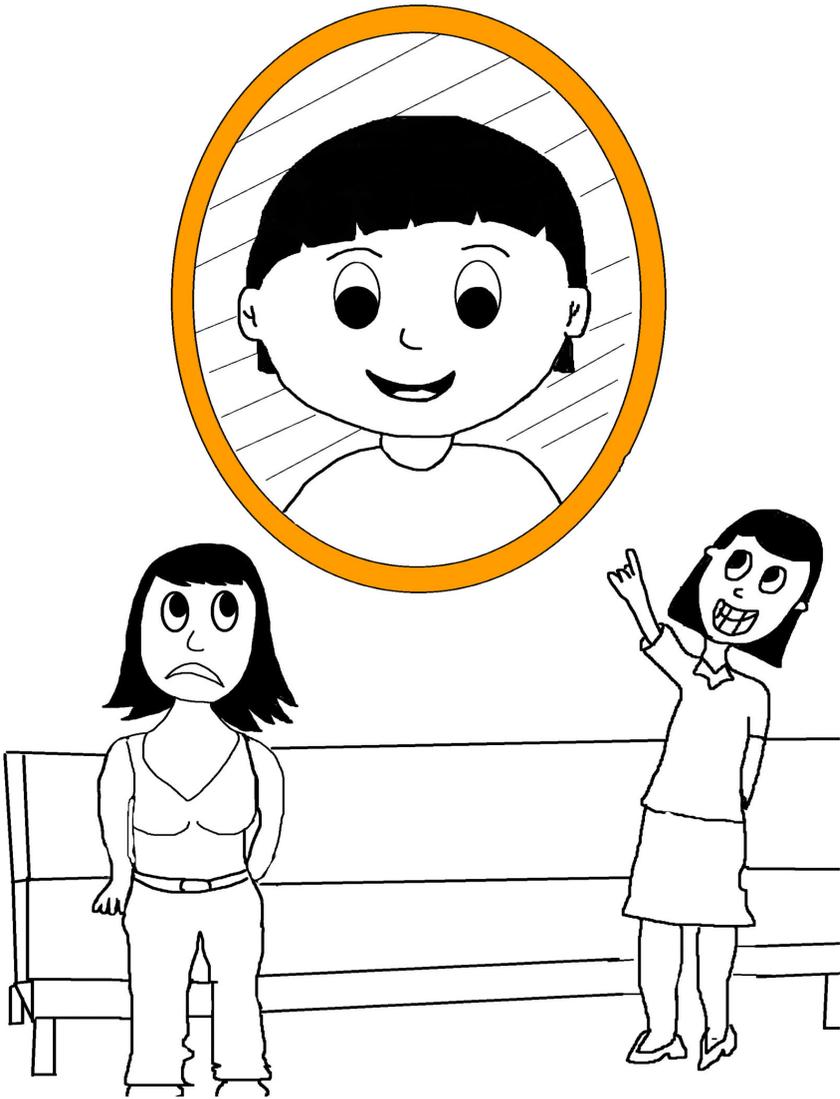
Marina Paula Cristiano Alves

Toda criança passa por situações inusitadas durante sua infância, memórias que nos acompanham ao longo da vida, e comigo não ia ser diferente, não é?

Sempre fui uma criança agitada, ansiosa e, lógico, gostava de fazer muitas travessuras. Vivi uma infância muito divertida e tenho lembranças boas e outras que preferia esquecer, mas nem sempre é possível.

Você acredita que uma vez, eu devia ter uns 5 anos, minha tia resolveu cortar meu cabelo. Até aí tudo bem, eu adorava ir ao salão de beleza. Mas, o problema foi o corte que a minha tia pediu, ela queria que cortasse bem curto, igual ao da Catarina da novela “O Cravo e a Rosa”, modelo Chanel, com franjinha. A cabeleireira não entendeu e cortou mais do que devia, deixando meu cabelo com formato de cuia. Fiquei parecendo um menino, com aqueles olhos grandes e aquela evidente orelha de abano, que tristeza. Bom, criança não liga muito para essas coisas, porém existem as fotos para deixar esses momentos inesquecíveis.

Na minha casa, bem na parede principal da sala, há uma foto onde estou com esse corte inusitado, e minhas amigas ou qualquer outra visita que apareça sempre questionam quem seria o menino da foto. Coisas de infância, quem nunca?



A vacina

Paola Helenice Evaristo

Fim de tarde e bolinho de chuva, era como estar de férias permanentes. Apesar de eu estar no auge dos meus sete anos e já frequentar a escola, eu e meu irmão Pedro brincávamos no chão da sala e esperávamos ansiosos pela sessão da tarde, “Os batutinhas”, o nosso filme preferido na infância. Tudo seguia perfeitamente, até que minha avó nos comunicou que Pedro precisava tomar uma vacina. Já ressabiada respondo que não, porém ela explicou que eu já havia tomado todas as vacinas.

Partimos com destino ao posto de saúde que ficava bem próximo da casa. Durante o trajeto, percebo que, embaixo do braço, minha avó carregava meu terrível cartão de vacina, que possuía o desenho de uma garota sorridente na capa. Como alguém ficaria feliz diante de tamanha tortura? Então questionei:

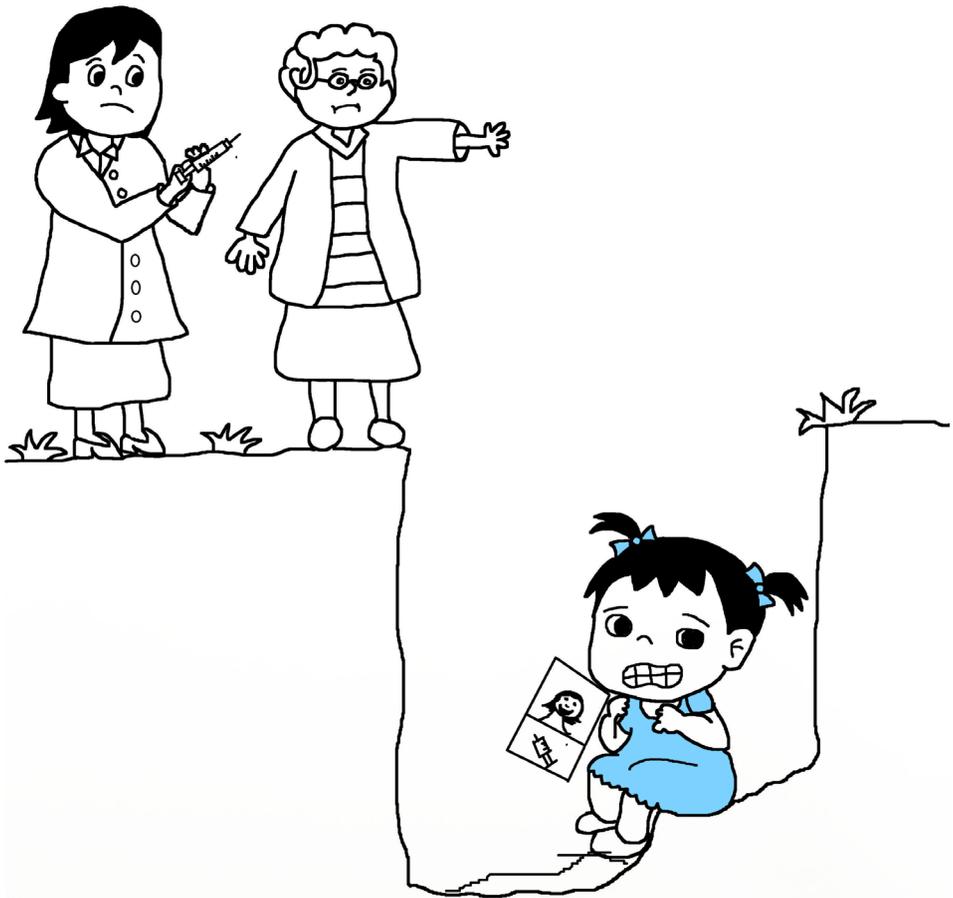
– Vóó? porque a senhora está levando meu cartão de vacinas? A velhinha Maria mudou de cor e acabou confessando que eu teria de tomar sim uma vacina, mas seria uma gotinha. Suspirei aliviada, na TV sempre falavam que o Zé Gotinha era amigo da criança. E o melhor: não doía nada.

Chegando ao posto de saúde, adentramos a sala, logo percebo que fui enganada, a mulher vestida de branco preparava a injeção, não pensei duas vezes, fugi, correndo o mais rápido que podia, sem enxergar nada, meus pensamentos eram todos de indignação por tamanha covardia.

Após essa cena digna de um Oscar, caí em um buraco, a rua estava sendo asfaltada e havia vários. Minha avó entrou em desespero, pois não conseguia me alcançar. Por ali passavam duas moças que, ao verem a expressão aflita da velhinha, ofereceram ajuda, indo em direção ao buraco onde eu estava caída. Me tiraram de lá pelo braço. Eu gritava e esperneava:

– Me solta carrapato... Chiclete... eu não quero ir!

Porém nada adiantou, tomei a vacina, que não doeu quase nada. O que doeu mesmo foram as belas palmadas que recebi ao chegar em casa.



Mordida de cachorro

Regiane Oliveira

Fazia poucos dias que havia me mudado para Três Corações, ainda estava eufórica com tantas mudanças, a cidade onde eu morava era bem diferente desta, muito maior e cheia de coisas para se fazer.

Os motivos que nos trouxeram para cá, foram pessoais, minha avó havia falecido e isso trouxe muita tristeza para nossa família, na casa moravam apenas ela e meu avô, então, ele pediu ao meu pai que se mudasse para cá, a fim de cuidar dele. Ele aceitou e aqui estamos, em uma cidadezinha pequena do interior de Minas Gerais.

Era preciso ajeitar tudo por aqui, por isso, para nós os filhos, nossos pais decidiram logo encontrar uma escola e nos matricular. Somos em três irmãos, eu sou a do meio, meu nome é Regi, minha irmã mais velha é a Rosi e o meu irmão caçula é o Binho. Eles, mais sortudos que eu, logo foram matriculados, já eu, tive de esperar por uma vaga.

Em uma dessas buscas por vaga escolar, andávamos eu e minha mãe na rua, quando de repente, gritei, foi um grito muito alto, minha mãe me olhou assustada e já me amparando, eu havia sido mordida por um cachorro, que dormia tranquilamente na calçada, quando eu sem perceber, pisei em seu rabo. Foi uma mordida só, com um impacto de doer os ossos que aqueles dentes afiados alcançaram.

Tremia de susto, de dor, com o sangue escorrendo pela perna. Minha mãe tratou de me levar rapidamente ao Posto de Saúde, tendo em vista que o cão era de rua e provavelmente não havia sido vacinado. Lá cuidaram dos ferimentos, me fizeram curativos e me vacinaram.

Voltamos para casa e eu passei a ter, depois daquele dia, medo de passar perto de cães. Hoje, superei o trauma, mas carrego na canela as marcas daqueles dentes afiados e a lembrança do dia em que eu senti a dor da mordida de um cachorro.

ESCOLA

SEM
VAGAS



Ilusões de Infância

Regina Nazario Gomes

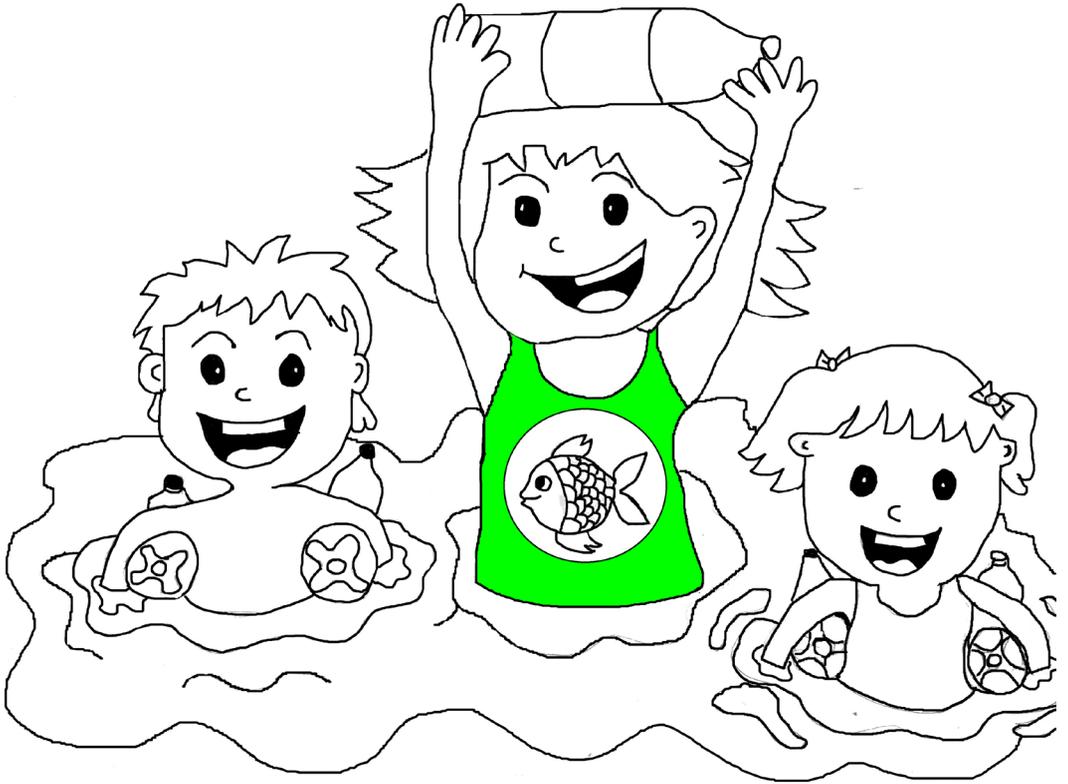
Quando éramos pequenos, gostávamos de frequentar um açude. Era muito divertido e gostávamos de ir lá todos os dias.

Com o passar do tempo, começou a aumentar o número de crianças frequentando aquele local. Havia lá um riozinho de água bem geladinha, com algumas árvores em volta e tinha muitos peixinhos.

O maior sonho da maioria das crianças que frequentavam lá era o de aprender a nadar. No meio daquele tanto de pré-adolescentes um deles era muito esperto e tinha uma imaginação muito evoluída e falou para a turma que, se eles engolissem pelo menos dois peixinhos vivos, eles aprenderiam a nadar.

E lá foram as crianças, todas engoliram dois peixinhos vivos para aprender a nadar, e ficaram entusiasmadas esperando a digestão dos peixes fazer efeito, para que o tão esperado sonho de nadar pudesse acontecer.

Claro que, após tanta espera, ninguém daquela garotada aprendeu a nadar. Então, as crianças, que não aguentavam mais esperar, bolaram um plano: arrumaram litros descartáveis e vazios tampados e usaram como boia para não afundarem. Acabaram se esquecendo dos peixinhos que não os ajudaram a aprender a nadar e se divertiram a valer.



As aventuras da princesa Sarah

Sarah Silva Carvalho

Era uma vez uma criança bem gordinha chamada Sarah.

Seus pais escolheram esse nome pois seu significado era tão bonito quanto ela: princesa.

Essa princesa comia de tudo. Quando o assunto era comida, não tinha tempo ruim. Até verduras e legumes ela comia!

Certo dia, sua família foi visitar um amigo que vivia em uma roça. E mineiro é assim: é prosa que vai, é prosa que vem. “Vai um cafezinho aí?”. De repente, a mãe de Sarah notou sua longa ausência. Ela saiu à sua procura e a Sarah foi encontrada fazendo algo muito inusitado: comendo tranquilamente pimentas direto da pimenteira! “Menina! Tira isso da boca!”

Assim, a princesa Sarah voltou para casa com a boca inchada e pegando fogo.



Primeira vez na praia

Taynara Kétlin de Souza

Era uma vez...

Uma garotinha que nunca tinha ido à praia, e sua família decidiu passar alguns dias de férias na praia. A garotinha quase explodiu de felicidade, dizia que iria realizar um sonho, e contava todos os dias para os amigos que iria à praia como se fosse a melhor coisa do mundo.

Chegou o grande dia e a ansiedade tomou conta da garotinha, que olhava a todo momentos suas coisas para ver se não esqueceu nada do que planejou levar. Enquanto isso, a imaginação rolava solta: planejou fazer castelo de areia, catar conchinhas, procurar peixinhos no mar, comer camarão...

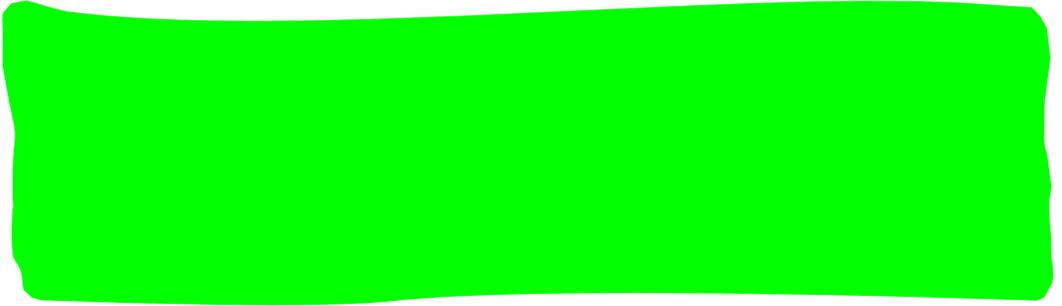
A viagem foi bem tranquila, e de repente a mamãe diz: – Chegamos!

O olho da garotinha brilhava em ver a imensidão do mar e, opa, a areia da praia está quentinha e é bem mais fina do que a garotinha conhecia. É claro que ela achou o máximo seus pezinhos afundarem naquela areia diferente. Sua mamãe pega sua mão e a leva para perto do mar, e a garotinha não para de olhar a onda grande se desfazer, chegando perto de seus pezinhos, que maravilha!

A garotinha fez seus castelos, achou suas conchinhas, que pena, não encontrou um peixinho, mas comeu um camarão maravilhoso, hum!

Que dias maravilhosos, ela queria ficar lá todos os dias, mas como as férias acabaram, lhe restaram as fotos e as lembranças da experiência maravilhosa de sua ida à praia.





UninCor
Universidade Vale do Rio Verde